

ELE VÊ-TE ENQUANTO DORMES



ALTA HENSLEY

Para Ava e Kenna. Eu disse-vos... Flores e arcos-íris

Aviso sobre o conteúdo

Este livro contém elementos sombrios, tais como:

- Perseguição
- Trabalho forçado e não consensual de limpeza de neve
- Dominação e submissão
- Jogos de estimulação por impacto
- Voyeurismo
- Alegria natalícia forçada
- Exibicionismo
- Câmaras ocultas
- Amor possessivo
- Sexo explícito
- Uso de camisolas de Natal azeiteiras

Proceda com cautela...



Capítulo Um

CHLOE

Chá lá lá lá foda-se lá.

Não me posso dar ao luxo de ficar na cama a manhã toda a tentar evitar o dia de hoje, mas cá estou eu.

As luzes de Natal penduradas na enorme sebe coberta de neve do lado de fora da minha janela pouco contribuem para me pôr no estado de espírito certo para o que precisa de acontecer hoje. Através dos vidros gelados vejo os reflexos das luzes dançarem, projetando uma miríade de cores no meu quarto. Mas tudo parece vazio.

Respiro fundo, inspirando o aroma da vela perfumada de pinheiro e canela que acendi ao acordar, numa tentativa frustrada de me animar para ir trabalhar.

A Chloe Hallman, *influencer* de redes sociais, não pode permitir-se ser uma *Scrooge*¹ durante as festividades. Sobretudo quando se é a embaixadora da marca *Moth to the Flame Designs*, uma empresa de joias que obtém grande parte dos seus lucros anuais nesta época do ano.

Mas, neste momento, estou em total contraste com a Chloe Hallman sempre polida e alegre que adorna os *feeds* das várias redes sociais da moda. A alegria festiva, as brincadeiras, as piadas e as fotografias cómicas de mim a usar joias com bochechas coradas fazem parte do trabalho. A Chloe Hallman é uma marca, um ícone de alegria que dá vida aos dias frios de dezembro. Mas essa não sou eu, não hoje. Hoje, sou apenas a Chloe.

¹ *Scrooge* é uma referência a Ebenezer Scrooge, personagem principal de *Um Cântico de Natal* (1843), de Charles Dickens. Na cultura anglo-saxónica, o nome tornou-se sinónimo de uma pessoa avarenta, sovina ou avessa à generosidade e ao espírito natalício. (*N. de T.*)

Com um suspiro, atiro a minha colcha fofa e aconchegante para a frente e balanço as pernas para fora da cama. Os meus pés tocam o chão de madeira gelado enquanto vasculho o meu armário em busca de uma indumentária adequada, algo verde e vermelho, talvez, com um toque de dourado. Um riso que devia parecer natural escapa-me quando pego numa camisola de Natal bastante espalhafatosa.

Recordem-me outra vez porque é que as pessoas adoram estas coisas?

O meu telemóvel toca e sei que há apenas algumas pessoas na minha vida que me ligariam em vez de me enviarem uma mensagem. Olhando para o ecrã, vejo que é a tia Sue. Claro que é ela.

Hesito por um momento antes de atender, com a camisola chamativa ainda pendurada na outra mão.

– Olá, tia Sue – digo, tentando colocar um pouco de alegria na voz.

– Oh, querida! Estou tão feliz por conseguir falar contigo. Sei que este ano não pudeste vir celebrar o Dia de Ação de Graças, mas adorá-riamos ter-te connosco no Natal. Sei que os voos estão absurdamente caros agora, mas vi que a Southwest está com uma promoção para Phoenix e eles melhoraram muito o seu atendimento ao cliente, e... bem, enfim, pensei em ti.

A voz dela é tão calorosa e melosa como sempre foi.

Faço uma careta, feliz por ela não poder ver o meu rosto.

– Agradeço muito o convite, mas...

– Sei que disseste que és alérgica a gatos, mas agora há um remédio ótimo para isso e...

– Tia Sue – interrompo, apertando a ponte do nariz. – Não é só por causa dos gatos.

Há uma pausa do outro lado da linha e quase consigo ouvir as engrenagens a girar na sua cabeça.

– Oh – diz ela, com a voz a baixar uma oitava.

– É uma época do ano superpreenchida para mim, em termos de trabalho.

Segue-se um silêncio constrangedor.

– Sei que a tua mãe não ia gostar que ficasses sozinha no Natal – começa ela. – E...

– Tia Sue, por favor – interrompo-a, com uma voz mais aguda do que pretendia. Respiro fundo, suavizando o tom. – Sei que tens boas intenções, mas não estou sozinha. Tenho amigos aqui, e planos.

Não era totalmente mentira. Tenho amigos, mesmo que os nossos planos sejam mais do tipo «então vamos lá beber um copo» do que algo concreto.

– Bem, se mudares de ideias... – ela cala-se, com um tom de esperança ainda na voz.

– Eu digo-te – respondo, sabendo que não o farei.

Passamos os dez minutos seguintes a pôr a conversa em dia e a falar de coisas triviais, mas continuo a sentir a sua desilusão.

Quando desligo o telefone, uma onda de culpa toma conta de mim. Para começar, não sou alérgica a gatos. E podia facilmente fazer a viagem até Phoenix. As minhas desculpas são fracas. Sei que a tia Sue tem boas intenções, mas a ideia de passar o Natal com a minha família alargada, rodeada de recordações dos meus pais e de como todos nós adorávamos a época festiva, é mais do que consigo suportar.

Atiro a camisola chamativa para cima da cama e sento-me ao lado dela, passando os dedos pelo tecido áspero. A minha mãe teria adorado esta monstruosidade. Ela sempre teve um talento especial para o drama quando se tratava de roupas para a época natalícia.

Um grito repentino vindo da rua interrompe os meus pensamentos. Corro até à janela e encosto o rosto no vidro gelado para ver melhor. Lá fora, o meu vizinho de oitenta e dois anos está estendido sobre uma pilha de neve com uma pá ao lado dele.

Ouçó o senhor Haven a gemer, enquanto tenta levantar-se da calçada coberta de neve. O seu corpo idoso não concorda com aquele esforço e estremeço em solidariedade.

– Fique aí, senhor Haven! – berro. – Desço já para o ajudar.

Calço as botas mais próximas, mal paro para agarrar num casaco antes de sair a correr pela porta fora. O ar frio do inverno de Nova Iorque atinge-me como um soco no estômago, mas sigo em frente, caminhando com dificuldade pela espessa camada de neve deixada pela tempestade da noite anterior.

– Está ferido? Devia ter-me pedido ajuda – repreendo-o enquanto examino o seu corpo em busca de ferimentos visíveis. – O que pensa que está a fazer a limpar a entrada sozinho?

– Estava a tentar limpar o caminho antes de o carteiro chegar. Não achei que fosse cair.

Olho para a minha entrada limpa. Quase não há vestígios de neve na minha, uma cortesia do meu senhorio. Não faz sentido ele limpar o meu lado da nossa fileira de moradias geminadas e não limpar o lado do senhor Haven.

– Devia ter batido à minha porta, senhor Haven – repreendo-o enquanto tento ajudá-lo a levantar-se do chão. A sua mão treme na minha, frágil e fria, fazendo-me sentir culpada por ter ficado em casa, enrolada no meu cobertor felpudo, ao calor da vela com aroma a canela.

– Deixe-me ajudar – grita um homem do outro lado da rua, a passear o seu cão. A sua figura corpulenta está quase escondida sob camadas de roupa térmica, as bochechas avermelhadas pelo frio e um gorro puxado para baixo sobre as orelhas. O cão é um grande *husky*, a abanar a cauda, animado.

– Está ferido? – pergunta ele, enquanto amarra o cão à grade do patamar da entrada e se ajoelha ao lado do senhor Haven.

– Acho que não – responde o senhor Haven, com a voz trémula devido ao frio ou talvez à queda.

– Sou bombeiro. Se me permite, gostaria de o examinar para ter a certeza de que nada está partido antes de o ajudar a levantar – oferece ele, com a sua própria respiração a condensar-se no ar gelado enquanto fala.

Os seus olhos são gentis, de um verde brilhante que se destaca contra o cenário de inverno branco. Pestaneja na minha direção, oferecendo um pequeno sorriso enquanto continua a examinar o senhor Haven, cuja cor parece estar a voltar.

– Sou o Jack – o estranho apresenta-se depois de se certificar de que o senhor Haven não está gravemente ferido, estendendo-me a mão enluvada. O nome sai-lhe dos lábios com um tom familiar, como se estivesse gravado num canto da minha mente.

– Chloe – respondo, apertando a sua mão e tentando não tremer por algo além da brisa carregada de neve. – E este é o senhor Haven. Alguém que não devia estar aqui fora a limpar a neve da calçada.

Os olhos do Jack enrugam-se nos cantos enquanto sorri, ou talvez tenha sido um esgar, é difícil dizer.

– Pronto, então, senhor Haven – diz ele, ajudando o homem a levantar-se. – Que tal manter-se calmo e aproveitar para relaxar o resto do dia?

Ele agarra a pá e acrescenta:

– Deixe a Chloe ajudá-lo a entrar e eu vou terminar o que começou.

O senhor Haven tenta protestar, mas é claramente superado pelas nossas expressões determinadas. Com um abanar de cabeça perplexo, ele cede, apoiando-se pesadamente no meu ombro enquanto caminhamos devagar em direção à sua porta da frente.

O *husky*, claramente cansado de farejar o curioso ambiente, corre para nos encontrar na entrada. Com os seus olhos azuis brilhantes, esfrega o focinho no braço trémulo do senhor Haven, arrancando um sorriso genuíno do velhote.

Olho por cima do ombro para o Jack, que agora está a trabalhar com afinco de pá em riste, as suas costas largas movendo-se com o esforço. A neve parece ter voltado em força, flocos grossos caem em cascata, abafando os sons da cidade.

– Obrigada, Jack – digo, a minha voz sendo levada pelo vento. Ele faz uma pausa para reconhecer a minha gratidão com um aceno de cabeça e um aceno de mão antes de continuar.

Lá dentro, a casa do senhor Haven é quente e reconfortante, cheira a livros antigos e a café. Ajudo-o a tirar o casaco pesado e o gorro, guio-o até à sua poltrona reclinável junto à lareira, onde a sua gata malhada, a Miss Patches, está enroscada. Ela levanta a cabeça quando entramos, soltando uma miadela indignada, como se nos repreendesse por perturbar a sua paz. Quando o senhor Haven se acomoda nas almofadas, noto um leve suspiro de alívio a escapar-lhe dos lábios.

– Vou preparar um chá para o aquecer – digo-lhe, dirigindo-me para a cozinha. Encho a chaleira com água e coloco-a no fogão, com a chama alimentada pelo gás a dançar sob o metal frio.

– Então, porque não esperou até o senhorio vir limpar o caminho?
– Aquele velho rabugento? – diz ele da outra sala. – Ele só serve para uma coisa: descontar os nossos cheques no início do mês.

– Isso não é verdade – argumento. – Ele limpou a minha entrada. Na verdade, ele sempre o fez.

Ele não só limpa a minha entrada após cada tempestade, como também pendurou luzes de Natal do lado de fora da minha janela. É verdade que é apenas um único fio de luzes simples sobre o meu arbusto alto, mas apreciei o esforço.

– Ha! Foi lá agora esse preguiçoso. Conheço o Lionel há anos e esse homem não põe os pés nesta propriedade desde... sabe-se lá quando!

Volto para a sala com duas canecas fumegantes.

– Mas se não foi ele, então quem foi? – pergunto, passando o chá ao senhor Haven.

Ele ri-se, segurando a caneca entre as mãos nodosas.

– Talvez os duendes do Pai Natal. Ou talvez tenha um perseguidor prestativo.



Capítulo Dois

JACK

Quantas noites já fizera isto? Ficar aqui, escondido, a observar, à espera. Tornou-se um vício que já não consigo controlar.

Agacho-me sob a janela, com cuidado para não perturbar a neve recém-caída desde a última vez que a limpei à socapa. Não posso deixar aqui qualquer vestígio da minha presença.

Mas não consigo impedir-me de voltar, noite após noite. A emoção de ver sem ser visto, de espreitar uma vida que não é a minha, já se enraizou profundamente em mim. Digo a mim mesmo que cada vez será a última, que vou conseguir libertar-me desta compulsão.

Mas não consigo.

Por alguma razão, não consigo parar.

A minha respiração forma pequenas nuvens no ar gelado enquanto levanto a cabeça devagar, o suficiente para espreitar por cima do parapeito da janela. O brilho quente espalha-se pelo interior da casa, um contraste gritante com a escuridão que me envolve. E lá está ela...

Ao notar a neve à minha volta, os meus pensamentos voltam ao episódio desta manhã. Quando me encontrei cara a cara com a Chloe. Quando a toquei. Apenas de forma ligeira, mas as nossas mãos tocaram-se. Ainda consigo sentir a sensação do calor da sua pele, a suavidade dos seus dedos a roçarem os meus quando a ajudei com o vizinho. Ver o senhor Haven estendido na calçada coberta de neve esta manhã fez-me sentir como um verdadeiro idiota. Nos últimos anos, tenho limpado a entrada da Chloe após cada nevasca por três razões.